

Segundo choque falha e inflação bate recorde

Dois choques heterodoxos depois, o ano termina sem que o Governo tenha conseguido tornar realidade as promessas de conter a inflação e cortar os gastos públicos feitas ao povo brasileiro no início de 1987. Nem mesmo as mudanças, na realidade de nomes apenas, na área econômica, com a saída de Dilson Funaro, em abril, e sua substituição por Bresser Pereira, que fez um plano com seu nome e acabou caindo no dia 18 de dezembro, permitiram concretizar as promessas. Os dois ex-ministros da Fazenda passaram por um idêntico processo de desgaste junto à população, dentro de seu partido, o PMDB, e no Palácio do Planalto, culminando com a queda. O mesmo aconteceu, em março, com o ministro do Planejamento, João Sayad, que abandonou o cargo depois que seu projeto para recuperar a economia com o fracasso do Plano Cruzado foi rejeitado.

A inflação voltou a explodir e terminou o ano com recorde de 365,96 por cento, fixando a taxa mensal definitivamente nos dois dígitos. A política salarial confirmou um dos maiores arrochos da história brasileira e sua morte começou a ser tramada dentro das próprias empresas estatais. O controle dos gastos públicos não passou de uma proposta e nem mesmo o escândalo na concorrência da Ferrovia Norte-Sul conseguiu demover o Governo da obra. A safra recorde de 63 milhões de toneladas de grãos e a recuperação no desempenho da balança comercial são os poucos êxitos numa política econômica marcada pelo fracasso e pelo descontrole em 1987.

MILA PETRILLO



Almir Pazzianotto faz 11 reuniões entre empregados e empresários, mas não consegue fechar o pacto social proposto pelo presidente Sarney